

"Bang Bang (my baby shot me down)"

Ana Vaz Fernandes

>
B.B. Bestas Bestiais,
 de Virgílio Almeida,
 enc. José Neves,
 Klässikus /
 Teatro Nacional D. Maria II,
 2007 (Patrícia Bull,
 Dora Bernardo,
 Carlos Gomes e João Reis),
 fot. TNDMII/
 Margarida Dias.



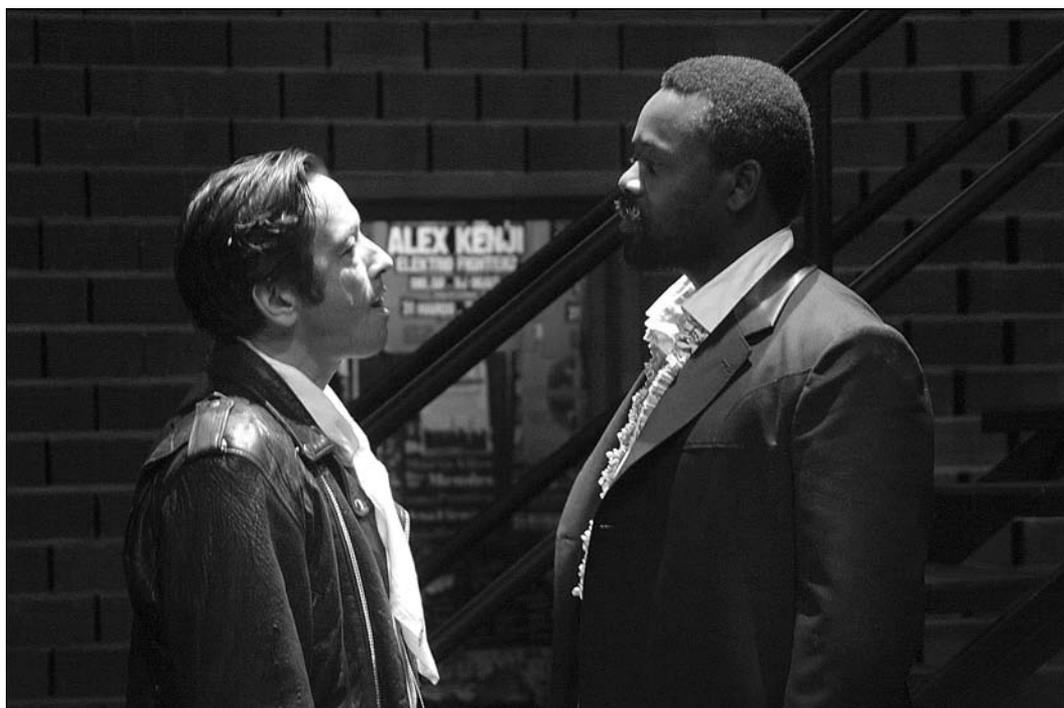
Título: B.B. Bestas Bestiais (2007). *Autor:* Virgílio Almeida. *Encenação:* José Neves. *Instalação cenográfica:* Dora Longo Bahia. *Figurinos:* Ana Vaz, António Gracias, Margarida Alfacinha, Nuno Blue, Rosa Bernardo. *Desenho de luz:* Jorge Ribeiro. *Desenho de som:* Fernando Abrantes. *Concepção sonora:* Nuno Veiga. *Interpretação:* Dora Bernardo, Patrícia Bull, Carlos Gomes, Adriano Luz, Daniel Martinho e João Reis. *Co produção:* Teatro Nacional D. Maria II e Klässikus. *Local e data de estreia:* Teatro Nacional D. Maria II (Sala Estúdio), 29 de Março de 2007.

O teatro pode ser a arte do espelho, a arte do reflexo intencionado do homem e do mundo, a arte da comunicação em directo sobre o que se sente e o que se vive em sociedade sem lentes côncavas ou convexas ou filtros ou trabalho de edição. Tudo em cru e tudo à mostra. Colocar o indivíduo e a comunidade em análise para daí esmiuçar conflitos e emoções, para daí destilar venenos e coisas feias e depois não ter pudor algum de as expor é um *check-in* necessário e eficaz no combate à inércia social.

B.B. Bestas Bestiais é um espectáculo que visa prestar este tipo de serviço público querendo obrigar-nos a (re)ver (n)um retrato em carne viva. O título é, desde logo, irónico, cómico, bizarro. B.B. de Big Brother ou de Big Bang? E pode uma besta ser bestial? Neste jogo que é muito mais que concurso e neste espectáculo que não é apenas jogo (mas crítica, reflexão e riso azedo) é curioso observar que de besta a bestial vão curtos passos de distância. Este espectáculo é um exercício crítico que perturba o espectador pela verosimilhança com o lado mais besta (estúpido, animal, grosseiro, bruto; qualquer sinónimo é

importante aqui) da realidade humana e social, hoje em dia glorificado em *shares* e audiências televisivas.

Em palco estão presentes seis personagens em busca de uma satisfação tão indefinida quão improvável. João Reis é uma espécie de Big Brother resgatado a George Orwell que aqui se veste na pele de um sinistro *disc jockey*. É um mestre-de-cerimónias que profere um texto ácido insultando as personagens, dando ordens, impondo acções e emoções através do uso primordial da voz ecoada pelo microfone. Pouco usa o corpo ou o gesto ou artificios: o poder da sua personagem nasce nas cordas vocais, assenta numa voz omnipresente ao longo do espectáculo que mantém uma certa frequência *hertziana*. O texto flutua entre o código poético e a *kitsch* frase feita (num tom talvez por demais declarativo e sentencioso, de resto, obsessivamente presente em toda a peça), e B.B. constrói o seu poder absoluto através da eloquência e sensualidade. É um personagem representante de uma suposta equipa que nunca mostra presença nem tão pouco provas concretas da sua existência, pelo que também se pode pensar na onipotência do DJ Big Bang. O seu lugar no



<

B.B. Bestas Bestiais,
de Virgílio Almeida,
enc. José Neves,
Klássikus /
Teatro Nacional D. Maria II,
2007 (Adriano Luz
e Daniel Martinho),
fot. TNDMII/
Margarida Dias.

espaço de representação situa-se, à medida de um deus e de um *disc jockey*, no cimo de uma plataforma à meia-luz, onde dispõe dos instrumentos de ataque – uma mesa de som e discos que compõem a sonoplastia do espectáculo. *House, electro, pop, rock* ou clássica – são diversas as sonoridades deste purgatório onde se decide o destino. Concebida por Nuno Veiga, esta sonoplastia tem a capacidade de formar ambiências muito heterogéneas e impedir o silêncio puro: um ténue ruído constante lembra uma artificialidade televisiva que se supõe própria deste lugar. Na mesa de som há ainda um comando essencial que virgula o ritmo de cena. O som de um alarme (ou será um despertador de consciências adormecidas?) que desfaz e constrói diferentes actos de forma imprevisível. É um alarme que reclama continuamente a passagem acelerada do tempo, potenciando a angústia nos concorrentes, sugerindo o juízo final.

Durante todo o espectáculo as personagens-concorrentes deste jogo do qual pouco se sabe – Quais as regras? Como se chega à vitória? Qual é o prémio? – entregam-se a uma dança mecânica e apática, que durará há já vinte e sete dias. *Os cavalos também se abatem*, filme de Sydney Pollack, baseado no romance de Horace McCoy, inspirou o autor Virgílio Almeida nesta maratona de dança que transforma as personagens em atormentados cavalos de corrida. É uma dança que não passa da prática

da exaustão "porque sim", porque estão a mando do Big Brother. A pergunta aqui sugerida é clara: será a alienação um dos compostos primários da bestialidade?

Estas são personagens estereotipadas e, de certa forma, estropiadas por tragédias banais: a morte, o fracasso profissional, o desencanto pelo maior amor de todos. São falências que traumatizaram estes dançarinos obsessivo-compulsivos e que os levaram até ali, na esperança de que qualquer coisa boa (embora não se saiba muito bem o quê) possa colar de novo os cacos das suas vidas

Participar no jogo e estar subjugado à voz do Dj Big Bang é uma penitência que todos acreditam ser a salvação. E a salvação aqui é tão só a fama, o reconhecimento público, o precário carinho ou a atenção que pode advir do mediatismo: são estas as razões suficientes para a participação neste concurso doentio. Pouco importa se a voz que corrói os tímpanos mesmo antes do aflito sinal de alarme os ofendeu chamando-os "toupeiras merdosas" ou "seus vermes". O que interessa é a declaração premonitória do Dj Big Bang que provoca uma eclosão de sonhos: "Vou parir-vos para o *showbusiness!*".

Este é o ponto nevrálgico do espectáculo. É aqui que *B.B. Bestas Bestiais* se torna um retrato constrangedor, um espelho onde se sucedem os comportamentos doentios das personagens que venderam a alma ao diabo (entenda-se Dj Big Bang).

>

B.B. Bestas Bestiais,

de Virgílio Almeida,

enc. José Neves,

Klássicus /

Teatro Nacional D. Maria II,

2007 (João Reis),

fot. TNDMII/

Margarida Dias.

Big Brother não é só a personagem totalitária de 1984. *Big Brother* é em Portugal, sobretudo um programa televisivo com o formato de *reality show* de grande sucesso que converte pessoas anónimas em idolatradas figuras públicas. Este espectáculo é uma metáfora deste complexo concurso que desperta no espectador um voyeurismo mórbido e alicia concorrentes à bestialidade com a perspectiva de fama. Ainda que este formato televisivo tenha vindo a ser abandonado ou equacionada a sua eficácia, podemos, na verdade, identificar a ilusão generalizada de que ser-se figura pública é a chave da felicidade. A importância da fama sobrepõe-se em muito à importância do trabalho que se desenvolve e que por força das circunstâncias conduz ao reconhecimento público, de tal ordem que os meios (todos eles) justificam o que parece ser o grande fim da existência humana, que não é como outrora, um feito nobre ou o mérito do trabalho. Agora a grande finalidade da existência humana parece ser a ascensão à celebridade. E esta condição de estrela, nesta primeira encenação profissional de José Neves é um conceito idêntico ao generalizado: ser-se ídolo é uma concentração de cirurgia plástica, sessões de autógrafos intercalados com terapias em SPA's e ainda fotos românticas em ilhas-paraiso nas capas da imprensa corriqueira colorida. O bem-estar é este *kit* simpático e cor-de-rosa, cheio de promessas de eternidade enquanto a lembrança do que somos residir na memória colectiva.

No percurso prometido até ao pódio figura-pública, neste *B.B. Bestas Bestiais* e nos *reality shows* que agora se desdobram noutras espécies mas que mantêm esta sofreguidão pelo estatuto VIP e a decadência dos costumes, tudo pode acontecer. A encenação aqui vai um pouco mais longe da realidade, a violência que cresce à medida da competição e do desespero não se traduz tão só em pontapés. Aqui há balas estridentes à queima-roupa, mortes, gritos, gestos e movimentações sujas e desorientadas, a constante troca de parceiros, confusa identidade sexual, agressão violenta entre mulheres, choro enraivecido. José Neves criou uma partitura de *mise-en-scène* cheia de surpresas, avivando constantemente o voyeur-espectador e criando uma tensão bizarra e espectacular porque tudo parece passível de acontecer. Neste espectáculo a surpresa é um factor chave na manutenção do estado de alerta meio aflitivo, como podemos constatar no susto generalizado na plateia aquando dos disparos ou quando voam sobre a cena três grandes lustres largados num tiro fatal.



A cenografia, assinada por Dora Longo Bahia e a luz desenhada por Jorge Ribeiro intensificam a adrenalina de combate, cruzando ambientes de velho armazém, ringue de boxe e pista de dança, delimitada por *néons* azuis, iluminada ora por *red-lights*, ora por epilépticas luzes "strobe" e no fim o projector picado sobre o deus-diabo Big Bang que anuncia o seu veredicto. É um desfecho bizarro – o DJ deixa de parte a sua máscara fria e seca para se comover com o fim do programa e da sua relação com as bestas que manteve em cativeiro no observatório. A vencedora ganhou uma ilha mas doou o prémio à outra mulher sobrevivente no concurso, pouco lhe importa o valor material, agora urge explorar o mundo do mediatismo.

O final do espectáculo, que é também o final do concurso carece de laivos apoteóticos à medida do que acontece no nosso ecrã quando é eleito o vencedor. A vencedora aqui não é convertida a um estatuto divino nem tão pouco se festeja o seu triunfo. A energia que deveria ser de vitória é própria de uma marcha fúnebre. Será que as mortes contaminaram este lugar de remorsos? Apesar de os meios não importarem aqui para se alcançar os fins, haverá ainda humanidade nestes concorrentes furiosos? É um final ambíguo que não é de festa nem de alívio, em que se prevê ainda espaço para uma amargura continuada.

Não sabemos se sobreviveram os alvejados, pouco importa se a morte é um facto – o importante é o aparato da morte. Não importa o que veio antes ou depois ou os porquês que ficam por saber. Aqui, as Bestas Bestiais são as pedras em bruto do espectáculo porque estiveram à beira do colapso e da ruína, e em permanente ebulição construíram um caos assustador. Fizeram aqui tudo aquilo que o ser humano, em constante observação nos nossos dias – no elevador, no supermercado, no multibanco – não ousa: mostrar-se do avesso e dar uns passos na fimbria.